

Narrativas para Curta Metragens – Willian Hinestrosa
Análise de Gabriela Amaral Almeida

A Mão que Afaga (2012)
Estátua (2014)

Os dois filmes dialogam e sinalizam uma escolha consciente pelo caminho de pesquisa da cineasta: o universo do suspense. Embora não haja sustos, há a expectativa pelo que virá a seguir. Os enquadramentos, os movimentos de câmera, a velocidade desses movimentos, a força das atuações, a iluminação e o tempo dilatado das ações e de olhares são artifícios do gênero que são a base dos filmes analisados.

Contrariando os mestres do suspense, o som é marcante pela ausência de trilhas, a não ser que diegéticas (nos dois casos, sendo dançadas pelos personagens). Som direto, ruídos e diversos momentos de silêncio são certos na construção do clima das cenas.

O clima dos dois filmes é soturno, de solidão, de pouco afeto e de estranhamento. Essas sensações são muito bem construídas, apoiadas nas diversas possibilidades do áudio visual.

Que são elas: a atuação, a trilha, os enquadramentos, os movimentos de câmera, a direção de arte (desde a cenografia até os figurinos, passando pelo bom uso da paleta de cores), a iluminação (com boa utilização de sombras e luzes baixas) e o ritmo (bem explorado no tempo dilatado das ações dos personagens e dos movimentos de câmera).

As personagens, que são essenciais nas duas obras, vêm do mesmo lugar: mulheres solitárias, de emoções contidas e de vidas monótonas; e crianças também muito contidas, que habitam o universo do estranho e que divergem do habitual clima infantil (de alegria, barulho, agitação e cores).

A atuação é sempre muito econômica e precisa, com especial cuidado nas expressões dos rostos das atrizes. Daí o uso de closes e de primeiros planos. As crianças são postas em cena com poucas falas e, nos dois filmes, expressam carinho de forma desajeitada.

As duas histórias se dão em espaços fechados, complementando a ideia de solidão e aprisionamento dessas mulheres às suas respectivas realidades.

Os enquadramentos são muito bem escolhidos. Em alguns casos, principalmente no filme de 2012, composições estranhas de quadros caem perfeitamente na obra. Os movimentos de câmera dialogam diretamente com o interno dos personagens e com a tensão das situações.

É curiosa a similaridade dos dois universos: a figura materna (mesmo que representada pela babá), crianças estranhas e de poucas expressões, a ausência do pai em ambas as famílias e o sexo (ou a ausência dele) compondo o psicológico das atrizes (em “A Mão que Afaga”, na cena onde o homem-urso enche o balão com o auxílio de uma bomba de ar; em “Estátua”, na dança sensualizada da babá enquanto brinca de estátua).

Se no primeiro filme o final é mais fechado, no segundo ele é aberto. Independente disso, ambos terminam com uma cena forte, estética e estática que mantém o espectador na obra, refletindo sobre o que acabou de assistir.

Raisa Rocha – T7 2015